

## **A mídia no Vale do Itajaí**

**FERNANDES, Mario Luiz.**

Prof. MSc. do curso de Jornalismo da Univali/SC

Doutorando em Comunicação Social pela PUC/RS

**Resumo:** O presente artigo traça um perfil da evolução e profissionalização da imprensa escrita no Vale do Itajaí, notadamente de Blumenau e Itajaí. Desenvolve-se abordando os seguintes tópicos: a) introdução com o perfil da radiodifusão na região; b) resgata a história da imprensa de Blumenau e Itajaí; c) sinaliza alguns caminhos da evolução e profissionalização da imprensa no Vale como o surgimento do jornalismo técnico no jornal *A Nação*, de Itajaí; o nascimento do *Jornal de Santa Catarina*, a mais moderna e arrojada empresa jornalística da época; destaca os primeiros jornalistas profissionais a atuar em Itajaí; e a criação do curso de Jornalismo da Univali, o primeiro do Vale do Itajaí e o segundo de Santa Catarina.

**Palavras-chave:** Imprensa. Imprensa catarinense. Imprensa no Vale do Itajaí. Vale do Itajaí.

## 1. Introdução

Uma das mais ricas e populosas regiões de Santa Catarina e segundo pólo têxtil do mundo, o Vale do Itajaí tem um papel singular na história dos meios de comunicação do estado. É no Vale, mais precisamente em Blumenau, que nasceu a mídia eletrônica catarinense – rádio e televisão – colocando a cidade em posição de vanguarda em relação a municípios como Joinville (maior centro econômico e populacional de SC) e Florianópolis (centro político-administrativo). Foi em Blumenau também que nasceu o primeiro grande projeto empresarial da imprensa escrita moderna catarinense: o *Jornal de Santa Catarina*, o primeiro em off-set do estado.

Este artigo descreve, essencialmente, a evolução e profissionalização da mídia impressa no Vale do Itajaí, notadamente em Blumenau e Itajaí. Porém, a título de contextualização, iniciemos com uma síntese sobre a radiodifusão no estado. De acordo com o Ministério das Comunicações (julho/2005), Santa Catarina tem 229 emissoras de rádio (121 FMs, 105 AMs e três OC<sup>1</sup>) e 27 de televisão (10 delas educativas). Entre as FMs há um significativo número de emissoras educativas. Há também 35 emissoras comunitárias oficialmente no ar com concessão definitiva.

No Vale do Itajaí, são 52 emissoras (32 FMs e 20 AMs) mais nove comunitárias. Blumenau tem o maior número de rádios da região e o terceiro do estado, com sete FMs e cinco AMs<sup>2</sup>. Das 17 emissoras de televisão com sinal aberto do estado, sete estão no Vale do Itajaí<sup>3</sup>, além dos canais por assinatura.

O pioneirismo no rádio catarinense coube a João Medeiros Júnior, o primeiro radioamador<sup>4</sup> licenciado do estado, e que em 1929 instalou um serviço de alto-falantes no centro de Blumenau. No final de 1931 ele iniciou as primeiras transmissões

---

<sup>1</sup> Ainda de acordo com o Ministério das Comunicações, em julho de 2005 havia 39 FMs e duas AMs em fase de concorrência em diversos municípios do estado.

<sup>2</sup> As cidades com maior número de emissoras de rádio em SC, incluindo também as educativas, são: 1º) Florianópolis (oito FMs, cinco AMs, três OC); 2º) Joinville (oito FMs, quatro AMs); 4º) Itajaí (seis FMs, duas AMs); 5º) Lages (quatro FMs e quatro AMs).

<sup>3</sup> **Comerciais:** RBS TV Blumenau (Blumenau) e TV Record (Itajaí); **Educativas:** TV Brasil Esperança (Itajaí), TV Bela Aliança (Rio do Sul), TV Educativa Vale do Itajaí (Blumenau), TV Panorama (Balneário Camboriu), TV Univali (Itajaí). Esta última recebeu a concessão no início de 2005 e deve passar a operar em breve.

<sup>4</sup> De acordo com Medeiros e Vieira, durante 15 anos o serviço de rádio amador prestado por Medeiros Júnior, “foi o principal elo de comunicação de Blumenau com o Brasil e com o mundo, numa época em que não havia serviço telefônico de longa distância e o telégrafo era ainda bastante precário” (1999 : 29).

radiofônicas e em 1935 a Rádio Clube (PCR-4) estava no ar. A licença saiu em 19 de março de 1936.<sup>5</sup> Santa Catarina entrava na era do rádio<sup>6</sup>, 23 anos depois de fundada a Rádio Sociedade Rio de Janeiro, a primeira do Brasil<sup>7</sup>. Em Itajaí, em 26 de outubro de 1942, Dagoberto Alves Nogueira e Adolfo de Oliveira Júnior instalaram oficialmente a Rádio Difusora, a terceira em solo catarinense.

Em 1954 era constituída a Rede Coligadas de Rádio<sup>8</sup> que mais tarde pleiteou a concessão de um canal de televisão para Blumenau. Surgia assim, em 1º de setembro de 1969, a TV Coligadas, a primeira emissora oficialmente instalada em Santa Catarina, dezenove anos depois da TV Tupi, a primeira do país<sup>9</sup>.

Na mídia impressa, pesquisa realizada por Fernandes em 1999<sup>10</sup>, constatou que a imprensa catarinense era constituída por 177 pequenos jornais, além dos quatro maiores: *Diário Catarinense*, *A Notícia*, *Jornal de Santa Catarina* e *O Estado*. Entre os pequenos, 45 (25%) estavam no Vale, a maioria de semanários. Dois estão entre os seis mais antigos<sup>11</sup> do estado ainda em circulação: 3º) *Nova Era* (Rio do Sul – desde 26/12/1937), 6º) *O Município* (Brusque – desde 25/06/1954).

Por suas atuações nas respectivas comunidades, vale registrar ainda o *Página 3 e Tribuna Catarinense* (Balneário Camboriú), *O Atlântico* (Itapema), *Jornal do Médio Vale* (Timbó), *Cruzeiro do Vale* (Gaspar), *Diário da Cidade* e o polêmico

---

<sup>5</sup> A rádio contava então com dez sócios, entre eles Luiz de Freitas Melro, Ingo Hering, Roberto Grossebacher e Medeiros Júnior.

<sup>6</sup> Depois da Rádio Clube vieram a Rádio Difusora de Joinville (Joinville - 01/02/1941), Rádio Difusora de Itajaí (Itajaí - 26/10/1942), Rádio Guarujá (Florianópolis - 14/05/1943) e Rádio Catarinense (Joaçaba - 06/07/1945).

<sup>7</sup> A emissora foi fundada em 23 de abril de 1923 por Roquete Pinto e Henrique Morize.

<sup>8</sup> Liderada pela Rádio Clube de Blumenau, a rede contava ainda com a Clube de Gaspar, Clube de Indaial, Araguaia (Brusque), Difusora (Blumenau) e Clube de Itajaí.

<sup>9</sup> Assis Chateaubriand, o fundador dos Diários Associados, foi o pioneiro da televisão brasileira ao fundar a TV Tupi Difusora, em São Paulo, em 18 de setembro de 1950.

<sup>10</sup> A dissertação de mestrado defendida na Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2000 é um estudo inédito sobre a pequena imprensa catarinense e foi transformada no livro *A Força do Jornal do Interior* (Fernandes, 2003). Na pesquisa não foram considerados jornais institucionais como de bairros, sindicais, *house organs*, escolares, religiosos, especializados e outros mantidos por instituições não comerciais.

<sup>11</sup> *O Estado* (13 de maio de 1915), de Florianópolis, é o jornal catarinense mais antigo ainda em circulação. Entre os pequenos jornais, os dois primeiros são *Correio do Povo* (10 de maio de 1919), de Jaraguá do Sul, e *O Comércio* (11 de junho de 1931), de Porto União.

*Diário do Litoral* (Itajaí), *A Voz da Razão* e *Tribuna Regional* (Blumenau), *A Cidade* (Rio do Sul) e o *Jornal do Comércio* (Piçarras).

## **2. Chegada tardia ao Vale**

Ao contrário do que ocorreria com a mídia eletrônica no século XX, o jornalismo impresso nasceu tardiamente em Santa Catarina e mais ainda no Vale do Itajaí. O *Kolonie Zeitung*, lançado em Joinville em 1862, foi, durante vinte anos, o porta-voz dos blumenauenses e por isso mesmo considerado o primeiro jornal da colônia fundada por Hermann Blumenau. O primeiro periódico local, de fato, só surgiu em 1º de janeiro de 1881. Em Itajaí, somente em 1884. Ou seja, o Vale do Itajaí só teve imprensa própria cinqüenta anos após Jerônimo Coelho ter lançado em 28 de julho de 1831, em Desterro, *O Catharinense*, o primeiro jornal da província, e 31 anos após o início da colonização oficial de Blumenau.

### **2.1. Blumenau**

O *Blumenauer Zeitung* (*Gazeta Blumenauense*), primeiro jornal de Blumenau e do Vale, foi resultado de uma ação cooperativada da qual 71 colonos eram cotistas. A iniciativa partiu de Hermann Bauggarten, então com 25 anos. Nascido em Blumenau, mas ilustrado em Porto Alegre e Rio de Janeiro, o descendente de alemães voltou à sua terra natal com o objetivo de montar um jornal. A falta de recursos financeiros o levou à constituição da *Sociedade Tipográfica Blumenauer Zeitung*, em 1879. Conforme o estabelecido em contrato, o valor das ações foi devolvido gradativamente aos cotistas, e Bauggarten tornou-se o único dono.

Com uma impressora importada de Leipzig (Alemanha), o semanário surgia no formato 30 por 39,5 centímetros, quatro páginas, redigido em alemão e com circulação nas principais cidades catarinenses, onde mantinha agentes (Itajaí, Brusque, Joinville, Desterro), além do Rio de Janeiro e Alemanha. Antônio Härte era o redator e Hermann Baumgarten o editor. Circulou até 2 de dezembro de 1938.

Mesmo contrário à criação do jornal, Hermann Blumenau, o administrador da colônia, comprou duas ações e sob sua assinatura colocou a observação *bedingt* (condicionalmente). Uma semana depois da primeira edição, Blumenau recebia a devolução de sua parcela no empreendimento. Tal conservadorismo é defendido por

Silva (1977 : 10) como “altamente proveitoso à ordem e disciplina da Colônia”.

Justifica o autor:

Os anos que se seguiram à publicação regular do *Blumenauer-Zeitung* vieram dar-lhe razão. As atividades políticas desse jornal, embora sem sombra de dúvidas, voltadas exclusivamente para a defesa do nome da Colônia e dos interesses dos seus moradores, provocou a fundação de outro jornal, o *Immigrant* e dos debates entre as duas folhas, nasceram discórdias, lutas sérias, ataques à moral e à dignidade dos contendores e dos seus adeptos (ibidem).

O *Immigrant*, segundo jornal da colônia blumenauense, foi criado por Bernardo Scheimantel e circulou de abril de 1883 a abril de 1891. Nascia como resultado declarado de um embate político. Após a grande enchente de 1880 - que atrasou em dois anos a instalação do município - o governo imperial designou uma comissão de engenheiros, chefiada pelo Dr. Antunes, para fazer o levantamento dos prejuízos e atuar na reconstrução da colônia.

A comissão praticou desmandos, favorecimentos e atos de corrupção que geraram pronta reação do *Blumenauer-Zeitung*, e em muitos casos bastante contundentes. Foi então que simpatizantes e beneficiados por Antunes criaram o *Immigrant*. O confronto entre os dois jornais chegou à esfera do poder público, sendo debatido na Câmara de Vereadores, criada em 1882. Os desafetos só amenizaram quando a comissão Antunes deixou Blumenau.

Após a Proclamação da República, os dois jornais travaram novo embate. O *Immigrant*, de matiz liberal, comemorou o novo regime em vários editoriais e perdeu muitos aliados, os opositores à política florianista. O *Blumenauer*, ligado ao Partido Conservador, revidou. Sem apoio, o *Immigrant* fechou as portas em 1891.

Em 18 de julho de 1892, surge *O Município*, editado em português e alemão. O objetivo era veicular os comunicados oficiais da Intendência, já que o *Blumenauer* fazia oposição ao intendente. O jornal teve apenas 32 edições e saiu de circulação em março de 1893. No mesmo mês, foi substituído pela segunda versão de o *Immigrant*, agora sob a direção de Paulo Stelzer, que defendia a causa federalista. A maioria da população era republicana e tinha como porta-voz o *Blumenauer*. Os confrontos entre os dois jornais não tardaram. Em 16 de julho, após 16 edições, *Immigrant* desaparecia pela segunda vez. Foi comprado pelo pastor Faulhaber, em nome

da Conferência Pastoral Evangélica, que passou a editar o semanário religioso *Der Urwaldsbote (O Mensageiro da Floresta)*, que circulou até 29 de agosto de 1941.

Em sua longa trajetória, o *Der Urwaldsbote* trocou de proprietário algumas vezes, assumindo também colorações políticas. O pastor Faulhaber ficou no comando da redação até 1898 e, após as eleições daquele ano, foi substituído por Eugênio Fouquet. Este foi o responsável pela orientação do jornal durante quase trinta anos. A Primeira Guerra interrompeu a circulação do jornal por dois anos, que retornou em 23 de agosto de 1919. Variados e ricos suplementos, inclusive impressos na Alemanha, foram encartados em *Der Urwaldsbote* durante muitos anos. Em 1928 o jornal chegava à tiragem de cinco mil exemplares.

A partir da década de 30, nada menos que 32 municípios foram desmembrados de Blumenau, com novos veículos de comunicação emergindo como porta-vozes destas novas comunidades.

Os novos títulos criados a partir do início do século XX expandiram a imprensa de Blumenau. *A Nação* (1943/1980), fundada por Honorato Tomelin, foi o principal jornal blumenauense até o nascimento do *Jornal de Santa Catarina* em 1971. Seguindo a vocação industrial do município, os jornais tornaram-se cada vez menos voltados às questões da imigração e à agricultura, e mais ao cotidiano urbano e industrial. Até início dos anos 70, de acordo com Silva, foram 137 publicações entre jornais-empresa, órgãos sindicais, classistas, colegiais, agremiativos, *house organs*, revistas, anuários e outros.

## **2.2. Itajaí**

Em uma época em que, às portas da Proclamação da República, expressiva parcela dos jornais catarinenses não escondia suas cores partidárias, ocorre a primeira e breve experiência da imprensa de Itajaí. Em 10 de maio de 1884, João da Cruz, o mestre Janja, lança o semanário *Itajahy*, que circulou pouco mais de um mês. “As precárias condições econômicas e tecnológicas aliadas aos obstáculos políticos oferecidos à circulação de idéias em uma sociedade nitidamente autoritária” são elencadas por Santos (2002: 259) como as principais causas que condicionaram o atraso do nascimento da imprensa itajaiense.

Com uma postura editorial de isenção ante às refregas políticas locais, em 18 de fevereiro de 1886, Tranqüilo Antônio da Silva e Eduardo Dias de Miranda lançam

o moderado bissemanário *A Idéia*. Na mesma linha editorial, em 20 de fevereiro de 1887, Galdino de Pereira Lima coloca em circulação *A Liberdade*. Porém, esta aparente neutralidade da imprensa local muda radicalmente em setembro de 1890 quando o médico Pedro Ferreira e Silva, um dos líderes locais do republicanismo, funda a *Gazeta de Itajahy* “para divulgar as idéias republicanas e defender as ações político-administrativas do interventor Lauro Muller” (Ibidem : 260).

Este foi o mote inicial para que a imprensa da foz do Itajaí estivesse cada vez mais atrelada ao poder político, cenário que só começaria a mudar gradativamente a partir do final do século XX. O exemplo seguinte foi um outro semanário intitulado *Gazeta de Itajahy* criado em 13 de outubro de 1892, também republicanista, e o primeiro com circulação em todo o Vale. Inovou ainda na distribuição gratuita e no conteúdo bilíngüe (português e alemão). Encerrando a primeira fase da imprensa itajaiense do final do século XIX, circularam na cidade *O Immigrant* (1890), *A Flexa* e *A Semana Ilustrada* (1894), *Jornal do Brasil* (1896) e o *Progresso* (1899).

Do início ao final do século XX, de acordo com levantamento de Santos (2002), 83 jornais foram lançados. Em meio a tantas publicações efêmeras, algumas se tornaram marcos na imprensa local por sua longevidade e postura editorial: *Novidades* (1904/1919), fundado por Tibúrcio de Freitas, teve a colaboração dos irmãos Konder (Victor, Marcos e Adolpho) e desempenhou importante papel na Campanha Civilista, de Rui Barbosa em 1910; *O Pharol* (1904/1936), criado por João Honório de Miranda, de oposição e postura crítica, foi fechado pela censura de Getúlio Vargas; *Diário de Itajaí* (1914 – quatro meses), de Manoel Ferreira de Miranda, foi o primeiro diário da cidade; *Jornal do Povo* (1935/1989), fundado por Abdon Fôes, passou por várias fases com diferentes proprietários, dominando o cenário jornalístico itajaiense até o início dos anos 60, quando do surgimento do jornal *A Nação*; *O Correio* (1963/1976), de Elias Adaime, o único jornal local de oposição ao regime militar e inclusive era revisado por censores do Serviço Nacional de Informação (SNI); *Diário do Litoral* (1979), de Dalmo Viveira; *Diário da Cidade* (1992), de Valdemir Corrêa das Chagas.

No segmento revista, vale o registro da *Realeza*, editada em Balneário Camboriú por Coninck Júnior e Ivaine Salette Gilioli; e *Papa Siri*, por Adilson Amaral, vinculada à Academia Itajaiense de Letras.

### **3. Caminhos para a profissionalização**

Longe de limitar a questão em torno de ter ou não diploma superior para exercer a profissão, entendemos por profissionalização aquela que passa pela modernização e consolidação econômica das empresas, consistência e independência/imparcialidade da linha editorial, conscientização e espírito de classe dos profissionais, qualidade do conteúdo informativo, conduta ética de empresários e jornalistas, e compromisso social com a informação e com o leitor. Ou seja, processo este que ainda está em construção, pelo menos em alguns dos aspectos enumerados.

Nesta direção, descreveremos a seguir quatro marcos fundamentais na evolução e profissionalização da imprensa escrita do Vale do Itajaí: o jornal *A Nação*, de Itajaí, como o primeiro a implantar as modernas técnicas de redação; o *Jornal de Santa Catarina*, de Blumenau, o primeiro grande e moderno empreendimento jornalístico do estado; a chegada dos primeiros jornalistas com formação superior; a criação do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), o primeiro do Vale.

#### **3.1. O jornalismo técnico de *A Nação***

O jornal *A Nação*, de Itajaí, é um desmembramento do *A Nação*, de Blumenau, fundado por Honorato Tomelim em 29 de maio de 1943. O jornal blumenauense nasceu com seis páginas e circulação às terças, quintas e sábados. Seis meses depois se tornava diário. Já em agosto do ano seguinte era adquirido pelo voraz Assis Chateaubrian, dos Diários Associados. Em Santa Catarina, o grupo contava ainda com o *Jornal de Joinville* (Joinville – 1919) e *Diário Catarinense* (Florianópolis – 1973). Todos fecharam em 1980 com a falência do grupo.

A versão itajaiense de *A Nação* foi lançada em 15 de novembro de 1962, sob a direção de Wilfredo Eugênio Currin e Nilton Isaac Russi. Durante o ano de 1967, o repórter Renato Mannes de Freitas fez estágio no *Diário do Paraná*, em Curitiba, de onde traz para Itajaí as novas técnicas de redação. Estas incluem as seis perguntas clássicas que compõem o lead – O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê? – além do conceito de pirâmide invertida, objetividade e imparcialidade, o uso de normas



e o manual de redação. O modelo era o livro do jornalista norte-americano Walter Lippmann.

Numa época em que o texto jornalístico era carregado de adjetivação, opinião e proposições políticas, a nova técnica causou polêmicas, mas se espalhou rapidamente pela redação de *A Nação*, que se tornou uma verdadeira academia “formando” pelo menos duas gerações de jornalistas dentro da nova técnica. A nova técnica também chegou às emissoras de rádio, já que seus departamentos de jornalismo tinham os jornais como suas fontes.

Antes se misturava muito os fatos e as opiniões. Na verdade o jornalismo era mais feito de opinião do que de informação. O jornalismo era mais comentado, inflamado. Era um texto de cunho pessoal, quase um testemunho. Com a nova técnica tudo isso foi revisto. O repórter passou a ter a função de relatar de forma impessoal os fatos. Os comentários e opiniões ficavam por conta das fontes (informantes, entrevistados). Basicamente aprendemos a elaborar um texto onde estava bem separado o fato e a opinião (Freitas In: Santos, 2004).

Outro repórter do *A Nação* a dar uma forte contribuição à difusão das novas técnicas jornalísticas em Itajaí, foi Álvaro Balbinot, após realizar um curso de jornalismo técnico por correspondência no Instituto Gutenberg. No relato do jornalista, uma síntese do que era o improviso e o amadorismo do jornalismo da época: “a imprensa só elogiava e as matérias eram superficiais. Os leitores não eram levados à reflexão, apenas ficavam lendo bajulações. O jornal disponibilizava muito espaço e nós tínhamos que preencher. Às vezes, acabávamos escrevendo a mesma coisa, só que com outras palavras”.

A ditadura militar, que estava no seu auge no início dos anos 70, também impunha suas amarras à imprensa local e os efeitos eram nefastos à autonomia editorial. “Os jornalistas tinham medo de se posicionar e sofrer represálias na redação. Por isso não existia censura, ninguém se arriscava”, lembra Balbinot (In Jordão, 2003 : 77).

### 3.2. O *Jornal de Santa Catarina* inicia a era da modernização

A 22 de setembro de 1971, Santa Catarina entra na era do jornalismo moderno com o seu primeiro jornal em *off-set*, um privilégio apenas dos grandes diários das principais capitais brasileiras. Foi também o primeiro jornal a ter um sistema de telefoto no estado e a contar com uma frota de 26 veículos para a distribuição do jornal em todo território catarinense. Foram dois anos de planejamento, incluindo edições pilotos para avaliar o projeto gráfico, o conteúdo editorial e a produção industrial.

O projeto era coordenado pelo professor e jornalista gaúcho Nestor Fedrizzi que deixou um exemplo de profissionalismo para a imprensa catarinense. O governador Colombo Machado Salles acionou as rotativas que imprimiram a primeira edição com a manchete em tom de denúncia e embalada em moderno projeto gráfico: “Esgoto só existe em duas cidades de Santa Catarina”.

Assim nascia o *Jornal de Santa Catarina*, para, a partir de Blumenau, atingir os então 197 municípios catarinenses. Concorria com *A Notícia* (Joinville) e *O Estado* (Florianópolis). Na capa, abaixo do logotipo, ao invés da cidade sede e a data, constava “Santa Catarina, 22 de setembro de 1971”. Era uma época que “Santa Catarina não tinha jornal independente”, destaca Flávio de Almeida Coelho<sup>12</sup>. “Boa parte dos jornalistas não vivia do jornalismo, vivia de outros empregos, principalmente no Governo do Estado. Como então a imprensa podia ser independente?”, questiona ele.

A redação sob o comando de Nestor Fedrizzi (também diretor do departamento de telejornalismo da TV Coligadas), não era nada modesta para a época. Contava com cerca de 40 profissionais na sede e outros 20 apenas na sucursal de Florianópolis, incluindo o jornalista Adolfo Ziguelli. Tinha a colaboração de colunistas como Ibraim Sued e Joelmir Boetting, e operava com as agências de notícias do Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Reuters e Asa Press. Quando do seu lançamento, o *Santa* contava com 200 funcionários e chegou a 400 no início da década de 80.

Para montar a moderna redação, pelo menos 15 dos 40 profissionais da sede em Blumenau foram trazidos de Porto Alegre, onde os cursos de Jornalismo da Universidade Federal e da Universidade Católica já tinham 20 anos de tradição. Essa

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida ao autor em 20/12/2004.

“importação” deu trabalho, pois os gaúchos não conheciam as peculiaridades de Santa Catarina e levou algum tempo para se adaptarem ao novo cenário.

O *Jornal de Santa Catarina* nascia para completar a primeira grande rede de comunicação do estado. Com a TV Coligadas operando desde setembro de 1969 e uma cadeia de emissoras de rádios associadas, no projeto dos empresários Wilson de Freitas Melro, Caetano Deecke de Figueiredo, Flávio Rosa e Flávio de Almeida Coelho, entre outros que formavam o grupo, só faltava o jornal impresso.

Apesar do sucesso, logo surge a primeira crise interna a que se sucederem várias outras. A titularidade do jornal passa por diferentes grupos políticos e empresariais, indo da matiz política de direita à esquerda<sup>13</sup>. Essa alternância de comando afetou a estrutura da empresa e a linha editorial do jornal que perde sua independência e imparcialidade.

Com a venda da TV Coligadas em 1980, o *Santa* mergulha em grave crise financeira, acentuada pela recessão no início do Governo Collor. Em maio de 1990, seus jornalistas realizaram a mais longa greve da categoria, que durou quase dois meses. Nas primeiras semanas a adesão foi de quase 100% dos jornalistas, fechando praticamente todas as sucursais. “Mais de 40 profissionais foram demitidos, embora o movimento tenha sido julgado legal. Durante o tempo em que a redação parou, o jornal circulou precariamente e no início uma edição de quatro páginas explicava aos leitores o que estava acontecendo” (Zero, 1993 : 14).

Em 1º de setembro de 1992, a RBS assumia o jornal imprimindo-lhe novo ritmo editorial, comercial e administrativo. A aquisição era estratégica. Como o *Diário Catarinense*, jornal do grupo lançado em Florianópolis em 1986, não conseguia penetrar maciçamente no Vale do Itajaí, o *Santa* representava um grande portal de entrada da RBS naquele importante mercado de anunciantes e leitores.

---

<sup>13</sup> Em 1972, Wilson Melro e Caetano Deecke se desentendem sobre a administração das empresas e os jornalistas gaúchos são demitidos. Dois anos depois, o controle acionário passa a um grupo de empresários e políticos integrado por Mário Petrelli, Flávio Coelho, Paulo e Jorge Bornhausen, entre outros. Mário Petrelli, Flávio Coelho e Rudi Bauer ficam no comando até 1983, ano em que Bauer deixa a sociedade. No ano seguinte, foi a vez de Petrelli vender sua parte e Flávio de Almeida Coelho passa a acionista majoritário. Em 1985, Flávio Coelho negocia o jornal com o empreiteiro Nilton José dos Reis. No final dos anos 80, nova transferência, desta vez para um grupo de 12 empresários blumenauenses, e o *Santa* passa “a ser dirigido por profissionais indicados ou aprovados pelo governo do PMDB, mantendo íntimas ligações com o Palácio Santa Catarina (Pereira, 1992 : 126)”. Segundo o autor, a transação foi conduzida secretamente pelo então presidente da Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc), Nogert Wiest, tesoureiro da campanha do governador Pedro Ivo Campos.

O *Santa* foi regionalizado e atualmente atinge 64 municípios do Vale do Itajaí com sucursais em Florianópolis, Itajaí, Brusque, Rio do Sul e Jaraguá do Sul. Já em setembro de 1994, passava a ser impresso em cores e em 1996 chegava à Internet. Atualmente, é o terceiro em tiragem no estado, chegando a 20 mil exemplares de segunda a sábado e cerca de 25 mil aos domingos. Conta com cerca de 50 profissionais na redação que produzem a média de 44 páginas diárias.

Nesta nova fase, o jornal não deixou de trazer jornalistas de outros estados para aperfeiçoar seu quadro profissional. Após a greve de 1990, foram contratados principalmente jornalistas paranaenses. No início de 1993, além de profissionais do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, chegaram mais seis gaúchos. Entre eles, Edgar Gonçalves Júnior, que a partir de janeiro de 2000 tornou-se o atual editor-chefe.

### **3.3. Os desbravadores**

Em Itajaí, a primeira geração de jornalistas com graduação na área chega no início dos anos 80. A primeira foi a itajaiense Constância Teresinha Severino, formada pela Universidade Católica do Paraná em 1976. Antes de retornar à terra natal, atuou em jornais de Curitiba. Foi a primeira mulher na imprensa de Joinville (*Jornal de Joinville* – 1978) e em Itajaí (sucursal de *A Notícia* – 1980). Trabalhou ainda na sucursal de *O Estado* e no *Diarinho do Litoral* encerrando as atividades como jornalista em 1982.

Alberto César Russi, itajaiense formado pela Universidade Nacional de Brasília em 1980, voltou à região para atuar na Rádio União de Blumenau (1980/1982). Em Itajaí, trabalhou na sucursal de *A Notícia* (1982/1987), TV Vale do Itajaí (1986/1988 e 1991/1993), na época pertencente a Rede Eldorado de Comunicações – RCE, e foi colunista esportivo no *Diarinho do Litoral* (1989/1991). Atualmente dirige a Rádio e TV Univali e o Centro de Ciências Humanas e da Comunicação da Univali.

Das duas primeiras turmas formadas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), três profissionais, coincidentemente todas mulheres, vieram atuar na imprensa de Itajaí e atualmente são professoras do curso de Jornalismo da Univali.

A lageana Márcia Estela da Costa foi da primeira turma (1982). Passou três anos estudando e trabalhando no México (1984/1987). Chegou a Blumenau no final de 1987 onde atuou no *Jornal de Santa Catarina* e em 1988 na assessoria de comunicação

do grupo Hering. Em 1991, foi a primeira professora jornalista contratada no curso de Jornalismo da Univali. Além do ensino, é editora-chefe da Rádio Educativa Univali FM.

Em 1984, Janete Jane Cardoso da Silveira (turma de 1983), ingressou no semanário *Liberal do Vale*, de Waldemir Correa das Chagas. Atuou ainda em vários veículos entre eles nas sucursais de *O Estado*, *A Notícia* e *Jornal de Santa Catarina* e desde 1993 é professora no curso de Jornalismo da Univali. No *Santa*, foi uma das demitidas durante a greve de 1990.

Luciene Cruz, também da turma de 1983, de 1985 a 1990 foi apresentadora do *Jornal do Meio Dia* na TV Vale de Itajaí. Entre 1994 e 1996 voltou à emissora como produtora. Foi a primeira mulher a atuar na televisão em Itajaí. Da fase inicial, destaca o improvisado e a estrutura amadora que era a televisão, inclusive com jornalistas tendo, muitas vezes, que produzir matérias comerciais<sup>14</sup>.

### 3.4. Curso de Jornalismo da Univali

Vários fatores relegaram ao atraso a imprensa catarinense. Um deles, sem dúvida, foi a falta da formação de profissionais especializados. Esta realidade só começou a mudar lentamente com a criação do primeiro curso de Jornalismo do estado, o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que formou a primeira turma em 1982. Porém, jornalistas formados no estado só começaram a chegar em maior número às redações do Vale após a criação do curso de Jornalismo da Univali em 1991.

Entre a formatura da primeira turma em setembro de 1995 e final de 2004, o curso já havia formado 518 profissionais, muitos deles atuando nos mais variados veículos de comunicação do país. O *Jornal de Santa Catarina*, entre tantos outros, é um importante termômetro da evolução do curso na região. Dos seus mais de 50 profissionais na redação, mais da metade é egresso da Univali e alguns já ocupam cargos de chefia.

O segundo curso de Jornalismo do Vale do Itajaí e o décimo de Santa Catarina, o do Instituto Blumenauense de Ensino Superior (IBES), só foi criado no segundo semestre de 2004.

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida ao autor em 16/12/2004.

### 3. Considerações finais

Uma das empresas do poderoso grupo RBS, o *Jornal de Santa Catarina* é uma exceção na imprensa escrita do Vale do Itajaí. Os demais jornais ainda precisam superar algumas etapas para alcançarem a profissionalização. Com a popularização do computador, as empresas, da maior a menor, se modernizaram. Porém, falta investir em recursos humanos. Em alguns veículos ainda há resistência na contratação de jornalistas formados. Como resultado, o que se percebe é uma frágil qualidade editorial – estética e de conteúdo –, comercial, administrativa e até de circulação.

A já referida pesquisa que realizamos em 1999 sobre a pequena imprensa catarinense, evidenciava o perfil de um profissional jovem, mal remunerado, sem formação profissional e com pouca experiência profissional. Esse também é o perfil do profissional atuante no Vale do Itajaí.

Neste contexto, os profissionais com formação superior - seja jornalista, publicitário ou administrador de empresas – têm o importante compromisso de colocar nossa imprensa no caminho da profissionalização. Como assinalamos, profissionalização, no caso das redações, não significa apenas diploma universitário para os jornalistas, embora estes tenham chegado com certo atraso à região, mas a consistência e independência/imparcialidade da linha editorial, conscientização e espírito de classe dos profissionais, qualidade do conteúdo informativo, conduta ética de empresários e jornalistas, compromisso social com a informação e com o leitor.

A profissionalização não está relacionada apenas ao instrumental técnico propiciado aos profissionais pelas universidades, mas também pela formação humanística e pelo discernimento crítico e ético. É este conjunto de competências técnicas e culturais que legitima o profissional na construção social da realidade. Neste sentido, os novos profissionais, seja criando seu próprio negócio na área de comunicação ou atuando nas redações dos veículos já estabelecidos, começam a dar uma nova dinâmica ao setor.

A consolidação econômica das empresas também faz parte desse processo, para que empresários e jornalistas possam atuar com a autonomia indispensável ao jornalismo. Em uma região tão rica, há espaço para sólidos e modernos grupos de comunicação. Porém, faltam investimentos para que o Vale tenha a imprensa que precisa e merece.

#### 4. Referências bibliográficas

- CRUZ, D. M. *Televisão e negócio – a RBS em Santa Catarina*. Florianópolis-Blumenau: UFSC-FURB, 1996.
- FERNANDES, M. L. *A força do jornal do interior*. Itajaí: Univali, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A mídia no Vale do Itajaí*. In: BALDESSAR, M.J., CHRISTOFOLETTI, R. *Jornalismo em perspectiva*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.
- JORDÃO, F. dos S. *Jornal a Nação – o surgimento do jornalismo técnico em Itajaí*. Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Univali. Itajaí, 2003.
- MEDEIROS, R. VIEIRA, L. H. *História do rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999.
- PEREIRA, M. *Imprensa & poder – a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1992.
- SANTOS, H. F. dos. *A história da imprensa na cidade de Itajaí*. In: LENZI, R. M. (organizador). *Itajaí outras histórias*. Itajaí: Prefeitura Municipal/Secretaria da Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A Nação: o surgimento do jornalismo moderno em Itajaí* (artigo). Itajaí: s.d.
- \_\_\_\_\_. *A história do Clube da Imprensa de Itajaí* (artigo). Itajaí: s.d.
- SILVA, J. F. da. *A imprensa em Blumenau*. Florianópolis: Secretaria da Educação e Cultura: 1977.

#### Entrevistas

- COELHO, Flávio de Almeida. Entrevista concedida ao autor em 20/12/2004.
- COSTA, Márcia Estela da. Entrevista concedida ao autor em 19/01/2005
- CRUZ, Luciene Rebelo. Entrevista concedida ao autor em 16/12/2004.
- GONÇALVES JÚNIOR, Edgard. Entrevista concedida ao autor em 07/12/2004.
- SANTOS, Hélio Floriano dos. Entrevista concedida ao autor em 20/12/2004.
- SEVERINO, Constância Teresinha. Entrevista concedida ao autor em 10/01/2005.
- SILVEIRA, Janete Jane Cardoso da. Entrevista concedida ao autor em 21/12/2004.
- RUSSI, Alberto César. Entrevista concedida ao autor em 19/01/2005.

#### Periódicos

- JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau: Caderno Especial, 2 de setembro de 1977; Suplemento Especial, 22 e 23 de setembro de 1996; Suplemento Especial, 29 de outubro de 1997; Suplemento Especial, 22 e 23 de setembro de 2001.
- JORNAL PAPEL. Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina. Florianópolis: outubro de 1999, edição número 15.
- MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Disponível em [www.mc.gov.br](http://www.mc.gov.br). Consultado em 25 de julho de 2005.
- ZERO. Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Edição número 5, 20 de dezembro de 1993; Edição número 5 de agosto de 1999.